

# A GRAMATICALIZAÇÃO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS DE VERBOS CAUSATIVOS

*Vanda de Oliveira Bittencourt\**

## RESUMO

No presente trabalho, busca-se mostrar que as formas verbais causativas com complemento oracional, vigentes em nossa língua e em outras línguas românicas, resultam de processos de reanálise e gramaticalização, que, ocorridos em fase latina, acarretaram maior conexão inter-oracional.

**Palavras-chave:** Estruturas causativas; Formas verbais com complemento oracional; Fase latina; Reanálise; Gramaticalização.

Fundamentada em ocorrências como as de abaixo:

- (1) a- Tia Nastácia fez (**com**) **que** os meninos **saissem** da cozinha.  
b- Tia Nastácia fez **eles sair/saírem** da cozinha. (Língua oral)
- (2) a- Tia Nastácia **fê-los sair** da cozinha.  
b- Tia Nastácia **fê-los de bobos**.  
c- Tia Nastácia **fez eles de bobos**. (Língua oral)
- (3) a- Tia Nastácia **tirou** os meninos da cozinha.  
b- Tia Nastácia **saiu** os meninos da cozinha.  
c- Tia Nastácia **afugentou** os meninos da cozinha.

pude, em estudos anteriores (Bittencourt, 1995 e 2001), traçar o seguinte quadro (aproximado) de estruturas causativas presentes na nossa língua:

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

## Quadro 1

### Estruturas causativas do português no Brasil

<p><b>1 Formas analíticas</b></p> <p>1.1 com oração completiva de subjuntivo (exemplo 1a)</p> <p>1.2 com oração completiva de “nominativo + infinitivo” flexionado ou não (exemplo 1b)</p> <p><b>2 Formas semi-analíticas</b></p> <p>2.1 com oração completiva de “acusativo + infinitivo” (exemplo 2a)</p> <p>2.2 com oração completiva constituída de predicado não verbal, ou seja, de mini-oração (exemplos 2b e 2c)</p> <p><b>3 Formas sintéticas</b></p> <p>3.1 heterônimas ou supletivas (exemplo 3a)</p> <p>3.2 homônimos ou causativo-ergativas</p> <p>3.2.1 resultantes de derivação imprópria (exemplo 3b)</p> <p>3.2.2 resultantes de derivação ergativo-incoativa (exemplo 3c)</p>
---

Voltando-nos para as causativas com complemento oracional verbal, objeto de estudo do presente trabalho, podemos perceber, pelo Quadro 1, que as formas conhecidas como de “acusativo + infinitivo”, embora contenham complemento oracional com predicado verbal como as de subjuntivo, aparecem alocadas no subconjunto das semi-analíticas, deixando de figurar, pois, entre as analíticas, conforme propugnado pela tradição gramatical. Tal distribuição, é bom que se diga, justifica-se pelo próprio estatuto configuracional desse tipo de construção, que apresenta um alto grau de dessentencialização, uma vez que:

- a) a cláusula subordinada não é ligada à principal por elemento complementizador;
- b) o seu predicado verbal aparece na forma infinitiva;
- c) o seu constituinte sujeito (elemento Causado) se confunde, sintática e semanticamente, com o objeto direto do verbo principal (de aceção causativa), conforme se pode ver pela sua expressão em acusativo.

Outro fato a lembrar, a partir do quadro acima delineado, é que dele não constam formas causativas com Causado Oblíquo (Dativo e Não dativo) como as de abaixo:

- (4) a- O pai fez ver **ao filho** os malefícios da droga.
- b- O governo fez construir as usinas **por uma equipe de alto nível**.

O motivo disso é que, diferentemente do português europeu e de outras

línguas românicas como o francês e o italiano, no português do Brasil, esses dois tipos de construção estão em franca obsolescência, apresentando baixíssimo índice de ocorrência na própria língua escrita culta, em que já foi mais usual, conforme quantitativamente registrado em Bittencourt (1995).

Feitas essas considerações, atentemo-nos, agora, para os dois padrões de estruturação causativas – analítico e semi-analítico –, procurando acompanhar a sua história em fase ainda latina.

Conforme defendido por estudiosos como Palmer (1954) e Climent (1971), dentre tantos outros, no latim clássico, a construção analítica de subjuntivo (cuja oração subordinada era introduzida por *ut* ou *ne*) advém de um estágio latino anterior, em que o mais comum era a conjugação dos dois segmentos oracionais (em geral de aceção volitiva ou deliberativa), sem qualquer indicação explícita de sua relação lógica e sintática. Ilustram isso os seguintes exemplos, transcritos de Palmer (1954, p. 328):

(5) a- “Fac fidelis sim.”  
‘Faze (que) eu seja fiel.’

b- “Sine amet.”  
‘Permita (que) ele ame.’

Algumas vezes, essa seqüência de orações, então combinadas apositivamente, continha uma partícula adverbial *ut*, de valor modal: ‘de algum modo’, ‘como seja’, etc.

Por pressão de uso e de contexto, esse elemento conjuncional (substituído no latim vulgar pelo demonstrativo *quod*) acabou sendo **reanalisado** como complementizador, o que significa a transformação de uma relação inter-oracional mais frouxa para uma relação mais integrada. No exemplo a seguir, retirado de Climent (1971, p. 181), temos a indicação da trajetória dessa operação de gramaticalização, em que duas células oracionais vêm aumentado (por gramaticalização) o seu grau de conexão:

(6) “ <i>Ut</i> hoc mihi des, tibi impero. ‘Como seja, dá-me; to ordeno!’	1º momento
>	
‘Ordeno-te que mo dê!’	2º momento

Em termos do paradigma da gramaticalização, que tem como um de seus princípios a unidirecionalidade (noção ainda polêmica), diríamos que, nos termos da escala estabelecida por Hopper e Traugott (1993), aplicada ao português por autores como Votre (1998), Cunha, Oliveira e Votre (1999), dentre outros, o processo de

concatenação sintática verificado no latim corresponde à passagem da segunda etapa para a terceira:

- (7) parataxe > hipotaxe apositiva > subordinação com complementizador > subordinação com “acusativo + infinitivo” para sujeito distinto, encaixamento com apagamento de sujeito idêntico da encaixada (cf. Cunha, Oliveira e Votre, 1999, p. 101).

Diante do exposto, cumpre-nos reconhecer que as construções causativas de subjuntivo (de configuração analítica) encontradas no português originam-se de formas latinas resultantes de um processo de amalgamento interclausal expresso pela conjunção *que*, originada do demonstrativo *quod*, que, no latim vulgar, substituiu *ut* do latim clássico.

Do mesmo modo, de acordo com os estudos desenvolvidos por Blatt (1952, p. 252-253), as construções com complemento oracional no infinitivo, dentre as quais, as causativas, decorrem de um rearranjo estrutural ocorrido no latim, semelhante ao que atingiu as formas de subjuntivo. Assim, numa primeira fase, temos um conjunto de duas orações apostas uma à outra, com o seguinte perfil configuracional: a principal apresenta verbo transitivo direto, o que implica a presença de complemento no caso Acusativo; a subordinada, expressa na forma infinitiva, configura-se como mero aposto ao complemento direto da principal. O exemplo latino abaixo, acompanhado da tradução que lhe era então conferida, ilustra esse primeiro estado de coisas no latim:

- (8) Iubeo eum/ uenire  
=  
'Dou-lhe uma ordem: a de vir'

Num segundo passo de sua evolução, designado por Palmer (1954, p. 320) como de “deslocamento relacional”, o conjunto binário descrito acima sofre um reagrupamento de seus constituintes, uma vez que passa a apresentar uma integração sintática mais forte entre o complemento acusativo (Causado) e o predicado infinitivo, que assume, com isso, um caráter mais verbal. O exemplo abaixo ilustra a inovação ocorrida:

- (9) Iubeo/ eum uenire  
=  
'Ordeno que ele venha.'

Essa reunião inter-oracional mais forte, em vigor na nossa língua, é mostrada no Quadro 1, no qual as causativas de “acusativo + infinitivo integram o subconjunto das formas semi-analíticas, diferenciando-se, pois das causativas de subjuntivo, de conformação analítica.

Em termos da mesma escala de integração oracional proposta por Hopper e Traugott (1993), aqui transcrita sob o número (7), diríamos que as causativas de “acusativo com infinitivo” representam um caso de passagem da etapa 2, de hipotaxe apositiva, para a etapa 4, de conexão por subordinação. Esse salto, de certa forma, pode comprometer a escala supracitada e o próprio princípio de unidirecionalidade, tido, muitas vezes, entre os entendidos, como inquestionável.

Sintetizando o que aqui se viu até o momento e atentando-nos para a situação vigente na nossa língua, pode-se dizer o seguinte:

- a) tomado em sua modalidade culta, o português conta com dois tipos básicos de causativa com complemento oracional e predicado verbal: as de subjuntivo (de configuração analítica) e as de “acusativo + infinitivo” (de configuração semi-analítica), ambas provenientes do latim;
- b) considerados os estudos desenvolvidos por vários latinistas, esses dois tipos de construção emergiram na própria língua latina em decorrência da atuação de um mesmo processo de conexão oracional (gramaticalização), verificado em fase mais antiga;
- c) essa conexão (de grau mais intenso no caso das estruturas com infinitivo), que atingiu duas orações em aposição, resultou num maior estreitamento entre: i) duas orações finitas (correspondentes, no caso das causativas, às fases Causadora e Causada), que passam a compor uma relação de subordinação, explicitada por complementizador (*ut*, no latim clássico e *quod*, no vulgar); ii) duas orações em que a primeira (da fase Causadora), com o verbo causativo, é complementada por outra (da fase Causada) na forma de “acusativo + infinitivo”.

Obviamente, essa segunda alternativa apresenta maior grau de junção, conforme evidenciado pelo SN Causado, que, marcado em Acusativo, expressa uma relação sintática e semântica com os verbos das duas orações.

Essa explicação de um percurso evolutivo independente dos dois tipos de estrutura – de subjuntivo e de infinitivo –, no entanto, não é consensual. Assim é que Votre (1998) e Cunha, Oliveira e Votre (1999), baseados em evidências translingüísticas bem como no paradigma da gramaticalização, defendem uma outra origem para as formas de “acusativo + infinitivo”, passíveis de completar vários tipos de verbo, além dos causativos. Para esses autores, tais estruturas, semântica e sintaticamente mais conectadas, advêm das construções formadas de completiva oracional de subjuntivo. Assim, no modo de ver de Votre (1998, p. 9)

*a construção **infinitivo com acusativo** do latim não teria cedido vez a uma construção perifrástica; ao contrário, teria surgido dessa construção. Ambas as construções continuaram a conviver no latim, como o fazem em português. (Votre, 1998, p. 9)*

À luz do paradigma da gramaticalização, assevera o mesmo autor que

*a construção latina com **quod** e cláusula subordinada finita é cronologicamente anterior à construção de **infinitivo com acusativo**. O surgimento da alternativa sem conectivo não implica o desaparecimento da construção com **quod**.* (Votre, 1998, p. 9)

Reforçando essa idéia, em estudo datado de (1999), Cunha, Oliveira e Votre buscam demonstrar a adequação da escala (abaixo repetida com a devida adaptação) propugnada por Hopper e Traugott (1993), para descrever o processo evolutivo que eles acreditam ter ocorrido no latim:

(10) parataxe > hipotaxe apositiva > subordinação com *quod* > subordinação com infinitivo para sujeito distinto / encaixamento com apagamento de sujeito idêntico da encaixada.

Melhor dizendo, segundo os três autores brasileiros, as construções com encaixamento de subordinadas reduzidas de “infinitivo, gerúndio e particípio” como:

(11) “Credo terram esse rotundam.”

são mais integradas do que as constituídas de complementizador (no caso, *quod*) + oração com verbo finito, como a transcrita abaixo, e delas se originam:

(12) “Credo quod terra est rotunda.”

Por seu lado, formas como (12), de grau de finitude maior do que o de (11), advêm de outra mais antiga, em que *quod* funciona como elemento demonstrativo indefinido localizado entre duas orações em aposição:

(13) “Credo quod terra est rotunda”  
‘Creio nisso: a terra é redonda.’

Numa leitura com base na escala (10), adaptada de (7), esse tipo de evolução corresponde à passagem da etapa número três (de “subordinação com *quod*) para a de número quatro (de encaixamento de subordinada de infinitivo), o que, em última instância, sustenta a aplicabilidade do Princípio de Unidirecionalidade.

Examinadas as duas hipóteses explicativas para o surgimento, na fase ainda latina, de construções com verbo causativo seguido de complemento oracional com verbo finito ou infinitivo, pode-se concluir que, independentemente das diferenças explanatórias, postuladas a seu respeito, ambas mostram claramente que tais tipos de estrutura decorrem da atuação de processos como os de reanálise e gramaticalização, cujo resultado é um grau mais estreito de conexão entre as cláusulas que as integram.

Obviamente, um levantamento mais amplo e sistemático dos dados latinos, ainda à espera de desbravadores, pode trazer mais luzes para o devido clareamento de questões aqui pendentes.

## RÉSUMÉ

Dans ce travail on cherche à montrer que les formes verbales causatives ayant une proposition comme complément, usuelles dans le portugais ainsi que dans d'autres langues romanes, résultent d'opérations de reanalyse et de grammaticalisation qui ont eu lieu dans la période latine, apportant à la phrase une plus grande fusion inter-propositionnelle.

## Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1995. (Tese, Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas).

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 167-232.

BLATT, Franz. *Précis de syntaxe latine*. Lyon: IAC, 1952.

CLIMENT, Mariano Bassols. *Sintaxis latina*. Madrid: C. S. I. C., 1971. v. II.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. São Paulo, D.E.L.T. A., v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.

HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

PALMER, L. R. *The latin language*. London: Faber and Faber, 1954.

VOTRE, Sebastião Josué. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, Sebastião Josué; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Trajatórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, p. 7-23. (Mimeogr.)